

## **FIGURAS FEMININAS: HISTÓRIA E ESTÓRIAS COM MULHERES – AT031**

### **A CAPITÃ DA AREIA: A REPRESENTAÇÃO DA MENINA- MULHER**

LOPES, Mariana I.

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

[milopes34@gmail.com](mailto:milopes34@gmail.com)

**Resumo:** A representação da figura feminina na literatura de Jorge Amado, revela mulheres que transgridem e lutam para superar as adversidades impostas pela sociedade elitista e machista retratada na literatura de Amado. O objetivo é apresentar a personagem Dora de Capitães da Areia (1937) e a representação dela na obra cinematográfica (2011), de Cecília Amado e com isso avaliar a figura feminina/marginalizada na literatura e como ela vive nos espaços de uma sociedade que marginaliza as crianças abandonadas. Apesar da figura da mulher como forte, ser recorrente na literatura amadiana, a figura da menina Dora de Capitães, quase não é retrata nos estudos sobre mulheres. E toda mulher seja ela madura ou uma menina, como no caso de Dora, tem voz para enfrentar seu destino com o que era imposto na época, justificando assim, essa pesquisa que tem como metodologia a comparação, análise das narrativas, observando o intercâmbio entre os textos pertencentes a sistemas semióticos distintos. As bases teóricas principais são Bernardi (2004), Dimem (1997), Perrot (2005), Stam (2008). A Dora literária retrata o elo maternal e familiar, aconchego e proteção e a Dora fílmica, traz nas cores e nas canções a essência de sua personalidade, de mulher forte e decidida. É observado que em ambas as obras a personagem Dora é menina e é mulher que luta contra o abandono após a morte dos pais, luta contra os capitães e se insere no meio deles como o “menino” Dora com toda sua força e feminilidade. Dessa forma, percebemos que ambos os textos trabalhados retratam a personagem desta pesquisa como a menina-mulher forte e a frente do seu tempo em relação à luta da mulher.

**Palavras-chave:** Dora; literatura; cinema; menina; mulher.

**Abstract:** The representation of the female figure in Jorge Amado's literature reveals women who transgress and struggle to overcome the adversities imposed by the elitist and machista society portrayed in Amado's literature. The objective is to present the character Dora de Capitanes da Areia (1937) and her representation in the cinematographic work (2011), by Cecília Amado and with that to evaluate the feminine / marginalized figure in literature and how she lives in the spaces of a society that marginalizes the abandoned children. Although the figure of the woman as strong, recurring in the Amadian literature, the figure of the girl Dora de Captains, is almost not portrayed in studies on women. And every woman is mature or a girl, as in the case of Dora, has a voice to face her destiny, according to what was imposed at the time, thus justifying this research that has as a methodology the comparison, analysis of the

narratives, observing the exchange between texts belonging to distinct semiotic systems, to understand the translation status. The main theoretical bases are Bernadi (2004), Dimem (1997), Perrot (2005), Stam (2008). The literary Dora portrays the maternal and family bond, warmth and protection and the Dora film, brings in the colors and songs the essence of her personality, a strong and determined woman. It is observed that in both works the character Dora is a girl and is a woman who fights against the abandonment after the death of the parents, fights against the captains and inserts among them as the "boy" Dora with all her strength and femininity. Thus, we perceive that both texts portrayed the character of this research as the strong girl-woman and the front of her time in relation to women's struggle.

**Keywords:** Dora; literature; movie theater; girl; woman.

## Introdução

Ao longo deste artigo será apresentada a obra “Capitães da Areia” (1937), de Jorge Amado, ambientando a situação histórica, política e social do Brasil na época de lançamento do romance.

E de forma comparativa apresentaremos a personagem Dora criada por Jorge Amado para o romance “Capitães da Areia” (1937) e a reapresentada no filme homônimo de Cecília Amado (2011), discutindo assim a teoria de Robert Stam (2008).

Desta forma, poderemos apresentar como a figura feminina Dora é apresentada e desta forma compreender, por meio da análise comparativa a relação dessa personagem como mulher e como criança em sua luta dentro das narrativas.

Pois, percebe-se que, desde o colonialismo a figura feminina é marcada por preconceitos e entraves, não havia espaço para as mulheres. Jorge Amado traz em sua obra a figura de uma menina- mulher e negra e objetivo deste artigo verificar essa representação de uma criança que se emancipa e a torna mulher.

## 1. Capitães da Areia, Jorge Amado (1937): o romance de 30 e a produção. Cinematográfica de Cecília Amado (2011)

No início dos anos 30, eclodiram, em diversos países, movimentos artísticos que propunham, de maneira geral, uma arte de intervenção social e

política, como resposta ao panorama de crise econômica de 1929, do pós-guerra e do surgimento de regimes totalitários no mundo ocidental. Esses movimentos buscavam refletir e desvelar a realidade, nas suas contradições mais urgentes, partindo de um postulado ideológico, com o objetivo de promover a conscientização crítica dos sujeitos e, desta forma, transformar a sociedade.

O romance da década de 30 tratou do confronto entre o Brasil latifundiário e o Brasil em fase de modernização, mostrando a diferença entre as mentalidades patriarcal-latifundiária e a urbana modernizada, assim como o coronelismo e as desigualdades sociais, trazendo à cena a personagens à margem da sociedade. Temos como representantes autores desta vertente José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Érico Veríssimo.

Nas palavras de Cândido (2006,183), a literatura produzida por esses escritores representa a tomada de “consciência catastrófica do atraso”, associada à ideia de “país subdesenvolvido”, sujeito às perdas culturais ocorridas, primeiramente, nas regiões ameaçadas pela modernização, como, por exemplo, o Nordeste açucareiro em tempos de decadência.

Podemos notar inicialmente que as propostas de uma estética que até então que enaltecia a beleza da paisagem pitoresca e ainda ligada ao romantismo entram em desuso e o papel da literatura se transforma face ao contexto de uma nova noção de país, que se pretendia urbano e progressista. Surge, assim, uma nova consciência, no âmbito literário e intelectual, estimulada pelo movimento da década de 30, que vinha se afastando da utopia modernista e que trazia a noção de país novo e se aproximava da compreensão de que se devia retratar o país exatamente como ele é. Então, o romance se amplifica e se consolida e seus autores constroem uma nova maneira de escrever.

Jorge Amado insere-se no panorama de 1930 como um escritor engajado, militante de esquerda, cuja produção artística evidencia o desejo de transfigurar as aspirações das classes subalternas e sua demanda por direitos

sociais. O autor escreveu inúmeras obras, como: “O país do carnaval” (1931), “Cacau” (1933), “Suor” (1934), “Jubiabá” (1935), “Mar Morto” (1936) e, em 1937, *Capitães da Areia*, após a implantação do Estado Novo. A primeira edição do livro foi confiscada e incinerada, proibida de ser comercializada, pois era considerada simpatizante da ideologia comunista. Jorge Amado foi o romancista que teve mais livros apreendidos e proibidos pelo Estado Novo.

“*Capitães da Areia*” foi escrito durante sua viagem à América Latina e Estados Unidos, na década de 30 e se tornou o 6º livro de um total de 37 livros escritos e publicados por ele. O romance retrata a vida de um grupo de crianças que vive e faz das ruas de Salvador seu lar, sobrevivendo através dos furtos que cometem; seu tema é a problemática das crianças órfãs ou abandonadas que se encontram nas ruas, evidenciando a exclusão social, trazendo à tona uma questão atual e fonte de debates e pesquisas: a realidade das crianças de rua. Amado, quando questionado em entrevista sobre a consciência do caráter premonitório dessa problemática, enfatizou: “[...] na época em que lancei o romance eu não tinha consciência de que ali estava um problema que lamentavelmente se agravaria tanto” (AMADO, 1997, p. 48).

A análise da obra “*Capitães da Areia*” possibilita reflexões atemporais acerca da necessidade de transformação da sociedade em meio a tantas injustiças e desigualdades que ainda estão presentes na atualidade. Entretanto, apesar de sua importância, a obra foi adaptada para o cinema 34 anos depois, por sua neta, Cecília Amado, que iniciou sua carreira cinematográfica em 1995 e trabalhou em grandes produções, como “O que é isso companheiro?” e “Guerra de Canudos”. Além de ter sido assistente de diretores consagrados. Foi assistente de direção na TV Globo, durante cinco anos, e coordenadora de núcleo no Canal Futura. Em 2008, Cecília dirigiu o curta-metragem “*Minha Rainha*”, muito bem recebido nos principais festivais internacionais de cinema infantil. Em 2012, Cecília abriu a produtora “*Tenda dos Milagres*”, em Salvador.

O longa metragem que dialoga com o romance de Amado foi produzido por Cecília e contou com um orçamento muito superior ao da maioria das obras

produzidas no país, cerca de 9,2 milhões, além do apoio de agências de fomento e empresas privadas. Na mesma época que foi lançado, o livro de seu avô foi considerado leitura obrigatória para realização de alguns vestibulares de prestígio no país. Além disso, o filme foi utilizado como parte das comemorações do centenário de nascimento de Jorge Amado, realizado no ano seguinte.

A adaptação fílmica de "Capitães da Areia", por outro lado, foi concebido em um contexto de liberdades democráticas e de grande valorização da produção cultural, no terceiro governo do Partido dos Trabalhadores. Os diferentes contextos indicam que as escolhas, literárias e cinematográficas, serão marcadas por posições diferentes: a literária pela resistência ao autoritarismo; a cinematográfica, deslocada para os anos 50, momento de otimismo e desenvolvimento, menos militante, pretendendo atualizar a obra original sob uma perspectiva mais sentimental. A própria diretora do filme declara que se baseou no Jorge que ela conhecia, isto é, na memória afetiva e literária do avô, e não no forte engajamento político do livro publicado em 1937.

## **2. Dora, a capitã de Jorge x Dora, a capitã de Cecília.**

Em consequência da epidemia de varíola, surgem Dora e seu irmão, Zé Fuinha, seus pais, acometidos pela doença, morrem e deixam os irmãos órfãos. Eles deixam sua casa e descem para Cidade. Dora procura emprego sem sucesso, pois, a sociedade tinha medo de contrair a doença. Neta de italiano com uma mulata, a menina tinha seus 13 para 14 anos, era bonita, tinha “olhos grandes, cabelo muito loiro” e os “seios já haviam começado a surgir sob o vestido” (AMADO, 2009, 163). Depois do insucesso em arrumar emprego, ela tem contato com os "capitães" através de Professor e João Grande, que abrigam os irmãos no trapiche.

Sua chegada ao bando é tensa, desperta, inicialmente, a libido dos meninos, que viam as mulheres somente como objeto de satisfação sexual. Há briga entre eles para ter relações com Dora, mas tanto o Professor, que logo se torna apaixonado pela menina, quanto João Grande a defendem. Bala chega e

diz que ela não pode ficar. Passam-se os dias e a menina começa a representar, no imaginário dos meninos, um elo maternal e familiar, de aconchego e proteção. E com o tempo se torna "capitã", como os meninos.

O personagem cinematográfico é diferente do personagem literário por prescindir das descrições da narrativa escrita. No cinema, como no teatro, os personagens se apresentam em ação, embora se subordinem às mesmas formas de construção do romance, pois no filme, como na narrativa romanesca, o relato pode ser objetivo ou subjetivo e o narrador-câmera deve construir um ponto de vista. Graças aos recursos do cinema, "os personagens adquirem uma mobilidade, uma desenvoltura no tempo e no espaço equivalente às das personagens do romance" (SALES GOMES, 1974, 106). Entretanto, o personagem do romance é construído apenas de palavras, apelando à imaginação do leitor para a sua reconstrução física; o cinema impõe uma criação visual ao personagem, que se encarna nos atores, desencadeando mais facilmente mecanismos de identificação.

A adaptação cinematográfica em estudo foge às características físicas descritas no livro; os atores não remetem às descrições literárias com fidelidade. A direção do filme se concentra nos traços psicológicos dos personagens.

A Dora apresentada no filme ganha traços dourados que relembram a Dora literária através da tonalidade das cenas e a música tema, enaltece essas qualidades através da letra. A música de Carlinhos Brown diz: "Dora, dourada, dos olhinhos tão bonitos, quem me dera dourar o sol".

### **3. A representação feminina de Dora na obra fílmica e na obra cinematográfica e considerações finais**

Com base nas duas obras homônimas do escritor Jorge Amado e Cecília Amado, tentou-se identificar como ocorre a representação de Dora. E como sabemos que a literatura usa das palavras para transmitir sua mensagem e o mundo cinematográfico embute de cenas para transmitir sentimentos em segundos podemos conhecer como a pequena tem sua face apresentada.

As figuras femininas nas obras de Jorge Amado geralmente sofrem um distanciamento do modelo romântico, sempre vemos a presença da mulher nordestina, principalmente a mulher baiana. São figuras representadas como fortes, incansáveis, bonitas. Apresentam perfis construídos em prol da sociedade da época, essas representações femininas são o elo conceitual, pois são diferentes e reagem diferente do destino imposto pela sociedade.

Em meio a essas figuras, temos Dora uma criança de apenas 13, 14 anos e órfã, que devido a varíola perde os pais e precisa procurar emprego para seu sustento e de seu irmão. Dora sofre com a sociedade machista da época e podemos ver com clareza no filme os olhares libidinosos em várias cenas nas ruas de Salvador, há de se revelar que até os capitães da areia tem indícios de machismo enraizado em suas atitudes com a chegada da menina no trapiche.

Mas em todas as ocasiões se mostra forte e autoconfiante, e todos os que a olhavam mostravam o vestígio do tempo do tempo do Brasil colonial onde o corpo da mulher era símbolo de luxúria. A pequena menina mulher tem personalidade forte e toma suas próprias decisões.

Tanto que após chegar no trapiche e conquistar seu espaço, decide se transformar em menino Dora e sem perder sua feminilidade começa jogar capoeira como todos os capitães. Segundo Bernadi (2004) “O poder da mulher é fluido, penetra as fendas, onde o discurso achava não haver espaço é por ali que ele vai passar”, a mulher consegue penetrar em vários espaços e apesar de aparentar ser frágil e dessa fragilidade que ela ganha sua força.

A representação de Dora traz ao universo literário e cinematográfico dos Amados, o equilíbrio. Na obra de Jorge onde o conteúdo político temos o elo maternal que é forte e decidida que cuida e luta com os meninos do trapiche. Já com Cecília Amado traz sua leveza, sua emoção, desperta amores, torna-se mãe e esposa. Descobre-se mulher, a que almeja sentir-se desejada e desejar. Em contraponto, podemos notar no filme um ar doce, infantil, que mesmo sendo menina- criança carrega em si todo peso de ser mãe, tem em si o ato de cuidar e a força da mulher brasileira.

Dentro do proposto e da análise, o filme e a obra literária retrata com organicidade a figura feminina Dora, oscilando entre a fidelidade ao original e a sua transformação, recriação. Embora muitas críticas apontem para uma traição do original, talvez em vista do sucesso do livro, muito mais evidente que do filme, este julgamento pode ser muito severo, no que toca às dificuldades de se transpor uma narrativa literária para o cinema. A fidelidade total ao livro é uma utopia, no que toca à adaptação.

Relembramos nestas considerações finais as palavras de Stam: “Uma adaptação não é tanto a ressuscitação de uma palavra original, mas uma volta num processo dialógico em andamento. O dialogismo intertextual, portanto, auxilia-nos a transcender as aporias da ‘fidelidade.’” (STAM, 2008, 20)

## Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1997, 92ª edição.

BERNARDI, Verônica Cavalcante (2005). **A submissão d'A Mulher e a submissão de uma mulher: Sheherazade**. Disponível em: . Acesso em: 14 de maio. de 2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.